



Nº 11

Novembro

2021

Por que Lula ou Bolsonaro?

Humberto Dantas¹

Vamos fazer um exercício simples e desafiador. Separemos a fantasia da realidade. A narrativa vazia, do planejamento de longo prazo. Você verá que as coisas são mais complexas do que parecem. E que não existe tarefa fácil na política.

Por que Lula foi eleito presidente em 2002? Porque foi persistente, teimoso, do contra. E só chegou onde foi parar porque estava no lugar certo, na hora certa. O governo FHC estava desgastado, a aliança entre PSDB e PFL (hoje DEM) perdeu os dois nomes mais viáveis eleitoralmente, Mário Covas (2001) e Luís Eduardo Magalhães (1998), e foi rompida em 2002 em torno do caso Lunus que envolvia Roseane Sarney. Sobrou espaço para a oposição. Qual? Ciro Gomes subiu e derreteu. Garotinho ameaçou e ficou de fora do segundo turno. Contra a chapa de José Serra (PSDB-PMDB) era mais fácil. Era a esperança de futuro *versus* o desgaste do governo. Bastava gerar confiança para reduzir a sensação de alto custo: carta ao povo brasileiro, vice do mercado e governo mantendo parâmetros econômicos anteriores. Deu certo, ao menos para as massas. E isso ocorreu, também, porque o PT teve a coragem de ser do contra.

Por que Bolsonaro foi eleito presidente em 2018? Porque foi persistente, teimoso, do contra. Em intensidade mais acentuada, ao invés de atenuar, como fez Lula, extrapolou – personagem certo, no instante agressivo. O atual presidente do Brasil usou estratégia de longo prazo que poucos perceberam e valorizam. Tem um impacto no universo virtual que, de acordo com a Bites, nenhum líder em exercício de mandato no planeta possui. Bolsonaro é um fenômeno virtual. E sua virulência se aproveitou disso, criou um universo paralelo, angariou fiéis e, obviamente, somou ódios. Apostou que não existe chance de governar por agregação. Atua por

intensidade, por conflito. E se em um ano tentar atenuar para ganhar eleitores, soará artificial.

Bolsonaro só tem uma chance de sobreviver à política: o contraponto a Lula precisa estar vivo, forte e intenso. Lula tem uma chance maior de vencer a eleição: se avançar em termos polares contra Bolsonaro. Nada melhor que um governo pior para ressuscitar um político desgastado. Eles se precisam. E juntos possuem, de acordo com as pesquisas recentes, cerca de 70% das intenções de voto presidenciais. O que falta? Faltam 30% do que seria uma suposta terceira via eleitoral que tem sido construída com base em fantasias artificiais. Lula sabe disso, e vai ao centro e ao mercado buscar apoios e um vice. Bolsonaro sabe disso, e vai ao “centrão” buscar apoios para enfraquecer qualquer chance de algo se estruturar e lhe tirar do segundo turno.

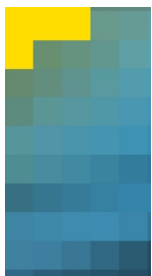
Note: Lula ganhou 2002 porque a despeito dos ajustes em torno da confiança, e das fragilidades, soube esperar estrategicamente. Bolsonaro ganhou 2018 porque soube explorar um ódio à política e um apego a certos valores que nenhum outro teve a coragem de explorar da forma como ele fez. O que a terceira via, tão esperada por algo entre um quinto e um terço da sociedade, fez ao longo dos últimos anos para que o sucesso se apresente?

Marina Silva era a terceira via de 2014. Ela surgiu como surpresa em 2010 e em 2013 saiu das manifestações como a única política que cresceu nas pesquisas. Ela tinha tudo para vencer o pleito de 2014. Pecou por querer transformar boa oportunidade em ótima chance. Deixou o PV de

¹ Humberto Dantas – cientista político, doutor pela USP e parceiro da KAS



2010 atirando, tentou fundar a própria legenda. Foi sabotada no processo e se escondeu envergonhada no PSB. No começo daquele ano, na chapa com Eduardo Campos, foram massacrados pelo PT. Dilma sabia que nunca poderia estar no se-



gundo turno com Campos. Depois que o pernambucano faleceu, Marina precisava ser contida. Mais ataques, e toda a desconfiança do PSB dada a vergonha da candidata. A terceira via era real e viável. Atrair Aécio Neves para o segundo era melhor, ou menos ruim. O PT foi reeleito por pouco.

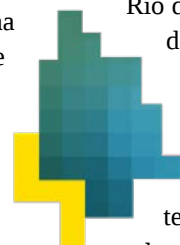
Bolsonaro dá uma entrevista, no fim de 2014, dizendo que seria o próximo presidente eleito. Ele estava certo, pois quem o acompanhava entendeu o espaço para a intensidade que empregou. Se o que vimos ao longo da campanha foi estratégia ou acaso, isso a gente deixa de lado. Mas ele estava lá falando o que as pessoas queriam ouvir. E o que as pessoas querem ouvir?

Se tudo for uma questão de economia, e nem sempre é, existe espaço para uma terceira via? Note: de um lado um presidente fragilizado, incompetente, que cria fantasmas para vender exorcismo. De outro um sujeito acusado de tudo por um justiceiro que afrontou o processo penal e, se causou danos e descobriu coisas reais, o fez de maneira errada. Se a economia tivesse em alta, Lula seria o “ex-injustiçado” reclamando. Mas de novo: o mau governante resgata seus antecessores. Você era mais feliz economicamente com o PT do que com Bolsonaro? A maioria das pessoas do país, a despeito da complexidade desse argumento, vai dizer que sim. Então está aí: vote em Lula. Não! Então mantenha Bolsonaro. Não! Percebe? Para se chegar à terceira via eu tenho que dizer duas vezes não para fenômenos reais. Fica difícil.

Mentira. É fácil. Basta ver as opções naturais que temos às mãos. Aquelas de quem têm construído narrativas nos últimos anos e estão esperando, com base em complexas estratégias, a “sua vez”. Só existe um político assim: Ciro Gomes. Ele está esperando, tem falado, dito, criticado etc. Certo? Não. Ele não goza desse sentimento junto à sociedade. Não tem naturalidade no discurso, não agrega. Então o centro político, com tendência à direita, ocupará essa vaga. Não. Todos os partidos desse campo apoiam Bolsonaro na Câmara dos Deputados, e cumprem papel de

situação envergonhada em torno da lógica de oposição moderada. Longe do que Lula faz com Bolsonaro, distante do que o atual presidente fez com o PT. O PSDB, o Podemos, o PDT, o União Brasil, o PSD, o Cidadania, o MDB etc. querem colher sem plantar. E assim, a terceira via pode ganhar a eleição em 2022? Sim.

Primeiro: quem será? Quem vai ascender? Difícil dizer. Qual será a onda da vez? Em 2016 o empresário era a bola da vez. Isso passou. Em 2018 intensificamos com a ideia de que o ódio político, simbolizado pela honestidade dos militares, era a resposta da farda como símbolo da ordem imposta. Tenho que isso também passou, ou tende a passar. A terceira onda será a justiça? Os membros do Judiciário e do Ministério Público vão nos salvar? É o que tentarão dizer, mas desconfio que assim como os militares sofrem sob os holofotes, a justiça também é opaca demais para querer isso – e sobretudo para dar certo. Que o diga o governador defenestrado do



Rio de Janeiro ou a senadora cassada no Mato Grosso. Mas perceba: tudo é indefinição. E tudo é criação de fantasia. Não existe longo prazo em nada, a despeito de um universo virtual ser rápido. É artificial. E mais uma vez: é a tragédia da terceirização da atitude. Lula, ao longo de seu governo, chegou a verbalizar que desejava ser “um pai para cada brasileiro”. Bolsonaro ama seu papel de mito, e se deixa chamar com sorriso prazeroso. A terceira via quer ser algo entre um pai e um mito? Já imaginou o trabalho de desmistificar a ideia de Deus e de família na cabeça do brasileiro? Para isso dependemos de longo prazo. Ou de competência absoluta em termos de narrativa. Não sei se temos isso para 2022. O que sei é que nos falta espírito republicano para a construção da quarta via: a percepção do quanto somos responsáveis por tudo isso que você está lendo, podendo renunciar ao papai Lula e ao Deus Bolsonaro. Na democracia é assim: a culpa é sempre nossa. Acredite, e se assumirmos que temos um desafio, em algumas décadas mudaremos nosso destino em torno, espero, de um ideal republicano.

As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer.